



## ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

### Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

---

### ***Rei ou bode expiatório? A lenda do sultão Bulaqi e a política mogol do Estado da Índia (1630-1635)***

Sanjay Subrahmanyam, Jorge Flores 

---

#### **Como Citar | How to Cite**

Subrahmanyam, Sanjay & Flores, Jorge. 2002. «Rei ou bode expiatório? A lenda do sultão Bulaqi e a política mogol do Estado da Índia (1630-1635)». *Anais de História de Além-Mar* III: 199-229.  
<https://doi.org/10.57759/aham2002.46884>.

#### **Editor | Publisher**

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores  
Av.<sup>a</sup> de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal  
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

#### **Copyright**

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).  
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

## REI OU BODE EXPIATÓRIO? A LENDA DO SULTÃO BULAQI E A POLÍTICA MOGOL DO ESTADO DA ÍNDIA (1630-1635)

por

JORGE FLORES \*

SANJAY SUBRAHMANYAM \*\*

*... parece hé este Bolaquim cõ os mogores,  
outro Rey Sebastião cõ os Portuguezes*

Conde de Linhares  
Goa, 19 de Janeiro de 1635

O tópico do «duplo» real é um tema forte e, potencialmente, encerra a capacidade de ultrapassar divisões culturais, ainda que se encontre mais radicado em certas culturas do que noutras. A ideia central é bastante simples. Uma figura real – que tanto pode ser o monarca reinante como um anterior monarca, ou alguém próximo do trono – possui um duplo idêntico, que a ele (ou a ela) se assemelha na perfeição e que é um total estranho ou, alternativamente, um gémeo. Numa variante, o «duplo» é, na verdade, um impostor, um falso pretendente que, ou acaba desmascarado por aquilo que é ou, pelo contrário, logra impor com sucesso a sua falsa reivindicação perante uma população crédula. A primeira destas correntes deu origem a temas literários populares, como o do gémeo de Luís XIV, desenvolvido por Alexandre Dumas (ou pelos seus *nègres*) em *O Homem da Máscara de Ferro*. O domínio da sub-literatura gerou exemplos como o livro de Anthony Hope, *O Prisioneiro de Zenda*, de finais do século XIX. A segunda corrente é, do ponto de vista histórico, bem mais fecunda. Sabemos por exemplo que, na Rússia dos czares, um vasto número de candidatos pretendendo ser este ou aquele príncipe existiu desde o século XVI, numa longa tradição que se prolongou mesmo depois da Revolução Russa, com várias pessoas reclamando ser Aleksei ou Anastasia, ou até outros membros da família dos czares que haviam sobrevivido à execução em massa perpetrada pelos bolcheviques <sup>1</sup>.

---

\* Universidade de Aveiro. Investigador do Centro de História de Além-Mar.

\*\* École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris.

<sup>1</sup> Gyula Szvák, *False tsars*, trad. Peter Daniel, Boulder, 2000.

Também na Inglaterra dos finais do século xv, a emergente dinastia Tudor teve de enfrentar idêntico desafio, sob a forma de vários pretendentes que afirmavam descender dos reis da casa de York. Um destes homens, Lambert Simnel, foi neutralizado com relativa facilidade por Henrique VII. Mas o outro, Perkin Warbeck, representou uma ameaça bem mais séria, acabando por ser enforcado por crime de traição em 1499, após ter conduzido vários ataques e revoltas mais ou menos inconsequentes com o auxílio de vários monarcas europeus que reconheciam os seus direitos<sup>2</sup>. O que torna o caso de Warbeck particularmente interessante para nós é a sua ligação a Portugal. Ainda que nascido na Flandres, viveu algum tempo em Portugal, sendo que um dos seus principais apoiantes era um aventureiro judeu de origem portuguesa, Duarte Brandão ou Edward Brampton<sup>3</sup>.

Se nos fixarmos noutra horizonte geográfico e civilizacional – o Irão de finais do século xvi –, há a registar o curioso episódio envolvendo um *qalandar* chamado Muzawwar. Em 1580, reclamando ser o falecido Shah Isma'il II (r. 1576-1577), este homem logrou arregimentar vinte mil seguidores e desafiar os governadores regionais safávidas, até assistir à violenta repressão do seu movimento<sup>4</sup>.

Também a Índia teve a sua quota-parte destas histórias, das quais uma das mais conhecidas entre os casos modernos é a do chamado Kumar de Bhawal, no Bengala, recentemente estudada com considerável detalhe por Partha Chatterjee<sup>5</sup>. Ainda que o caso Bhawal, que foi julgado nas décadas de 1920-1930, seja pouco comum dado que gerou uma quantidade assinalável de material forense, Chatterjee e outros sublinharam que o mesmo se inscreve numa longa tradição indiana. Um notável exemplo anterior é o chamado «falso Pratapchand», que se reporta a um candidato a uma das propriedades de zamindares no Bengala no início do século xix<sup>6</sup>. No entanto, se recuarmos até aos séculos xvi e xvii, encontramos já casos idênticos. Um exemplo bem conhecido é o de Shah Shuja', o filho do imperador mogol Shahjahan que, tudo indica, fora morto no reino de Arracão nos anos de 1660, mas que aparecia periodicamente em diferentes partes do império. Um caso menos divulgado, mas assente num conjunto de outras fontes e igualmente relevante para o objecto deste artigo, é narrado pelo cronista Diogo do Couto no relato que compôs acerca do sultanato do

---

<sup>2</sup> Ian ARTHURSON, *The Perkin Warbeck conspiracy, 1491-1499*, Stroud, 1994.

<sup>3</sup> Jean AUBIN, «D. João II et Henry VII», in Aubin, *Le Latin et l'Astrolabe*, vol. II: *Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales*, Paris, 2000, pp. 83-92.

<sup>4</sup> Ver Roger M. SAVORY, «A curious episode in Safavid history», in C. E. BOSWORTH, ed., *Iran and Islam: In Memory of the Late Vladimir Minorsky*, Edimburgo, 1971, pp. 461-73.

<sup>5</sup> Partha CHATTERJEE, *A Princely Impostor? The Kumar of Bhawal and the Secret History of Indian Nationalism*, Nova Delhi, 2002.

<sup>6</sup> Veja-se John R. McLANE, *Land and Local Kingship in Eighteenth-Century Bengal*, Cambridge, 1993.

Gujarat no século XVI. Neste contexto, a vida do sultão Bahadur (r. 1526-1537) segue um padrão familiar. Escreve Couto:

«[O Sultão] Modafar (...) teve muitos filhos, e o primogenito se chamou, soltan Bador, e não Badur, como as historias da India lhe chamão. Este sendo ainda moço, ou por dizerem a seu pay os astrologos, que em poder do filho mais velho se perderia aquelle reino, ou (o que parece mais certo) que por desejar de o dar ao outro filho mais moço, a que estava afeiçoado, parece que mostrava ma vontade ao Bador, que ou porque fosse avisado d'isto, ou porque entendesse no pay que lhe desejava a morte, furtoulhe o corpo, e foyse por esse Indústão acima em trajos de peregrino, a que elles chamão calandar, e assi andou muitos annos, aprendendo differentes lingoas, vendo, e notando novos ritos, e costumes, e cousas muito novas e peregrinas.»<sup>7</sup>

Temos, assim, o tópico do exilado real que renuncia (persa *qalandar*) e que deambula incógnito. Couto desenvolve então a logicamente necessária segunda parte desta tema do seguinte modo:

«Em quanto elle assi andou faleceo o pay, e soçedeo no reino o irmão a que o pay desejava de o dar, que durou pouco, e deixou o reino ao outro irmão mais moço, a que não soubemos os nomes. Correndo as novas por esse Indústão da morte de Modofar, chegarão ao Bador, que logo voltou pera vir requerer o seu reino, e assi em trajos de calandar, dizem, que entrou na corte de Amadaba, onde estava inda sua mãe viva, e o rey seu filho, que era ainda manço, e sem se dar a conhecer a pessoa alguma, entrou com a mãy, e se lhe descobrio, pedindolhe que quisesse ordenar com que ouvesse o seu reino. A rainha (pode muito bem ser, que não fosse sua mãy, senão sua madrastra, e que os Guzarates que isto contão se embarassem) lhe disse, que se fosse, porque se seu irmão soubesse d'elle, que o mandaria matar, do que nos inferimos que ella seria mãy do rey, e não do Bador. Elle vendo seu desengano, foyse para o rei de Mandou, e se lhe descobrio pedindolhe ajuda e favor pera cobrar seu reino. E como os grandes do mundo, nenhuma cousa mais os move, que miserias de hum principe desterrado, prometeolhe todo favor, ate ir em pessoa ajudallo: e pera isso solicitou alguns reys vizinhos, que se ajuntarão com elle com grande poder.»

O sultão Bahadur recupera então o seu trono, ou com a ajuda do soberano de Mandu, ou (numa variante que Couto também regista) através do auxílio da rainha de Chitor. Todavia, uma vez no trono, «como era mau, cruel, e fraco», não perde tempo em atacar aqueles que antes o haviam ajudado. As origens de uma parte desta narrativa, na qual Bahadur vagueia em exílio, podem já ser encontradas num texto anónimo português dos meados da década de 1530, que descreve o modo como «o dito Bador se fez calamdar amdamdo descalço e vestido de peles»<sup>8</sup>. Couto, a quem este tema agradava manifestamente, usa-o subsequentemente de forma mais ou menos

<sup>7</sup> Diogo do COUTO, *Década Quarta da Ásia*, ed. M. Augusta Lima CRUZ, Lisboa, 1999, p. 55.

<sup>8</sup> Sanjay SUBRAHMANYAM, «A Crónica dos Reis de Bisnaga e a Crónica do Guzerate: Dois Textos Indo-Portugueses do século XVI», in Jorge Manuel FLORES, ed., *Os Construtores do Oriente Português* (catálogo da exposição, Porto), Lisboa, 1998, pp. 131-54.



**Fig. 1. «Jogues jintios, calandares jintios»**

[Roma, Biblioteca Casanatense, Ms. 1889, fls. 84-85. Reprodução autorizada pelo Ministero per i Beni e le Attività Culturali (Itália)]

indiscriminada na sua crónica. Fá-lo, por exemplo, a propósito de um antepassado dos Mogóis, que ele próprio parece ter inventado. Na sua perspectiva, um dos filhos de Timur, chamado 'Umar Shaikh («Haomarxac»), também teve uma carreira similar. Couto nota como «Haomarxac, que alguns nomeão por Balobo, que era moço (...) ficou sem nada, porque os outros dous irmãos lançarão mão de tudo o que poderão». Perante estas circunstâncias, o inevitável aconteceu:

«Este Haomarxac, ou Balobo, vendose desherdado, determinou servir a Mafamede, e saindose dos estados que forão de seu pay em trajos de calandar (que he peregrino) foi caminhando pera as partes da Índia, e atravessou todo o Industan, e foi parar no reino de Delhi, donde se deixou ficar».<sup>9</sup>

Couto descreve de seguida o modo como ele se tornou popular entre os outros «calandares», graças à «fama de sua vida e religião, que era espantosa». Depois, transformou estes seguidores num exército não despreciando e

<sup>9</sup> COUTO, *Década Quarta*, pp. 544-45.

acabou por atacar e matar o rei de Delhi, tomando o poder ele próprio e formando um reino considerável graças a uma série de conquistas. Couto nota mesmo que este Balobo, «que se intitulou rey dos Magores», fundara o poderio mogol na Índia e era avô de Babur, que viria a reinar no século XVI.

Mas a manifesta inexactidão do relato de Couto, que confunde a história mogol com a do soberano afegão Bahlul Lodi (seguramente o «Balobo» do seu relato) não constitui propriamente o nosso objecto. O que interessa reter é que o referido tema era comum e bem difundido à época, tendo Couto dele feito uso por forma a conferir à sua crónica um toque popular, «folclórico». É bem claro que, no século XVI, já existia uma tradição no norte da Índia de príncipes que vagueiam no exílio em situação de reclamar direitos a um dado trono, contanto que se apresentassem ostensivamente como «calandares». Se estes homens eram verdadeiros ou falsos, esse não é um problema que preocupe Couto, dado que o cronista assume genericamente que eram autênticos. É o que sucede tanto no caso do sultão Bahadur como no episódio de Balobo. Mas, relativamente ao caso que ponderamos de seguida, o panorama é bem mais complexo e conduz-nos para uma variante diversa, aquela onde pretendentes «falsos» e «verdadeiros» se movimentam na mesma arena política.

### A tradição mogol e o caso de Bulaqi

A sucessão mogol foi muito contestada na primeira fase da dinastia, que se estabeleceu na Índia nos anos de 1520. Depois da morte do primeiro imperador, Zahir-ud-Din Muhammad Babur (r. 1526-1530), os seus filhos lutaram anos a fio pela sucessão, obrigando o herdeiro designado, Humayun, a um permanente conflito com os seus irmãos Hindal, 'Askari, e especialmente Kamran, cuja base de operações era Kabul. Por fim, Humayun logrou pôr termo a esta ameaça cegando Kamran. Mas, se recuarmos ao momento exacto do desaparecimento de Babur, constatamos que o facto foi mantido em segredo durante algum tempo por forma a evitar a agitação social própria desses momentos críticos. Uma passagem muito interessante do *Humâyûn Nâma*, de Gul-Badan Begam, revela que nem sequer se admitiu publicamente a morte do imperador. Ao invés, disse-se ao povo que Babur se tornara *dervish* e, decidindo renunciar e partir, nomeou Humayun para lhe suceder. Mais um exemplo de como o tópico do rei-*dervish* está bem enraizado e difundido à época:

«Este acontecimento foi mantido secreto. Finalmente, um *âmir* da Índia chamado Ârâyich Khan propôs: «Não é bom manter este assunto em segredo, dado que no Hindustão, quando estes infortúnios sucedem aos imperadores, é usual as pessoas do bazar roubarem. Oxalá, sabendo esta notícia, que os Mogóis não venham pilhar as casas. Conveniente seria cobrir alguém com um manto vermelho, colocá-lo sobre um elefante e fazê-lo proclamar que o Senhor Imperador Bâbur se tornara um *dervish* e que confiara a soberania ao Imperador Humâyûn.»

«O Senhor Imperador Humâyûn ordenou que assim se procedesse. Logo que se fez este anúncio, o povo ficou tranquilo e todos fizeram orações pela sua fortuna.»<sup>10</sup>

Aquando da morte de Humayun em 1556, o panorama não foi muito diferente. O herdeiro designado era Jalal-ud-Din Muhammad Akbar (r. 1556-1605), mas também ele tinha um meio-irmão, Mirza Muhammad Hakim, que, apesar de ser ainda uma criança nessa altura, contava já com os seus próprios seguidores. O almirante otomano, Seyyidi 'Ali Reis, que se encontrava em Delhi na altura da morte de Humayun (Janeiro de 1556), afirma que teve de se lançar mão de um estratagema para ocultar a morte do imperador durante algum tempo, até que Akbar regressasse à capital. Escreve ele:

«Entre os familiares do imperador [Humayun], contava-se um personagem chamado Munla Bi-Kesi que tinha uma certa aparência física com ele, ainda que fosse mais baixo. Finalmente, na terça-feira, instalaram-no no trono que havia sido colocado num arco dominando o rio. Cobriram-no com as roupas do imperador e ocultaram-lhe a face e os olhos com um pano, Khushhal Beg manteve-se próximo dele e Mîr Munshî em frente. Todos os sultões, os *mirzas*, os súbditos e o comum do povo chegaram, viram o imperador a partir da margem do rio e oraram por ele. Foi tocada uma música alegre, ofereceu-se um manto de honra ao médico, sendo-lhe assegurado que o imperador se encontrava de boa saúde.»<sup>11</sup>

Com o regresso de Akbar a Delhi, esta impostura pôde então ser desfeita e a morte do imperador foi finalmente anunciada. A morte de Akbar, meio século volvido, foi objecto de menos subterfúgios. O seu sucessor, Nur-ud-Din Muhammad Jahangir (r. 1605-1627), assistiu à morte sucessiva dos seus irmãos e potenciais rivais, Daniyal e Murad, sendo que o seu único sério rival era o seu próprio filho, Khusrau, cuja rebelião foi rapidamente suprimida. O próprio Jahangir, ainda que tivesse mantido um conflito com o pai nos últimos anos do reinado de Akbar, conheceu um processo de transição relativamente suave, o que parecia constituir um bom augúrio para o futuro de uma dinastia cujas regras de sucessão eram pouco claras. É que, se bem que os Mogóis se inclinassem para a sucessão através da primogenitura, o facto é que não existia ainda um total consenso quanto a esta questão.

O problema voltou a colocar-se de novo um quarto de século mais tarde, em 1627, ano em que morreu Jahangir. No dia 28 de Outubro desse ano, quando o imperador expirou em Rajauri, nos arredores da cidade de Lahore, existiam já vários pretendentes ao trono. Ainda que a robustez das insti-

---

<sup>10</sup> Gul-Badan BAYGAM, *Le Livre de Humâyûn*, trad. Pierre Piffaretti, ed. Jean-Louis Bacqué-Grammont, Paris, 1996, p. 44.

<sup>11</sup> Seyyidi 'Ali RE'IS, *Le miroir des pays: Une anabase ottomane à travers l'Inde et l'Asie centrale*, trad. Jean-Louis Bacqué-Grammont, Paris, 1999, pp. 90-91. Para o texto original, veja-se Seydi Ali REIS, *Mir'âtü'l-Memâlik*, ed. Mehmet Kiremit, Ankara, 1999, pp. 120-21.

tuições políticas do império mogol já fosse suficiente para evitar crises profundas em momentos como o da morte de um imperador<sup>12</sup>, não restam dúvidas de que estes períodos de transição se continuavam a revelar como algo conturbados. A ascensão ao trono de Shahjahan, o «Rei do Mundo» (r. 1628-1658), não constituiu excepção. Um observador holandês então em Surat, o comissário Dirck van der Lee, recebera entretanto notícias nada tranquilizadoras de Agra: alguns dos notáveis haviam deixado a cidade levando consigo as suas riquezas, enquanto que outros reforçaram a vigilância das suas casas. As estradas tornaram-se inseguras e os mantimentos muitíssimo caros<sup>13</sup>.

De facto, a morte de Jahangir encetava um curto período de três meses dominado pela instabilidade política com raízes directas na crise da sucessão. O príncipe Parwiz, filho mais velho de Jahangir e principal candidato ao trono, morrera um ano antes. O príncipe Khusrau, que disputara o poder a seu pai aquando do desaparecimento de Akbar, morrera na prisão entretanto. Assim, a contenda decidir-se-ia entre o príncipe Shahryar, filho mais novo de Jahangir, casado com uma filha da imperatriz Nur Jahan, e o príncipe Khurram, que se havia rebelado contra seu pai em 1622 e sobre quem impendiam suspeitas quanto à morte de ambos os irmãos.

No processo de sucessão, o papel central coube a Asaf Khan, irmão de Nur Jahan e *wazîr* do império. Enquanto que Nur Jahan preferia Shahryar, Asaf Khan bater-se-ia por Khurram. Dado que este, como governador do Decão, se encontrava muito longe de Lahore e era necessário neutralizar Shahryar entretanto, Asaf Khan engendrou uma solução alternativa que lhe permitiria ganhar algum tempo. Com o apoio de uma parcela considerável da nobreza mogol, fez imperador Dawar Bakhsh, o filho de Khusrau, que entretanto tinha sido feito prisioneiro. Segundo o cronista Muhammad Hadi,

«Asaf Khan, leal apoiante de Shahjahan, conspirou com Iradat Khan no sentido de libertar Dawar Bakhsh, filho de Khusrau, da prisão e de lhe dar a boa nova relativa ao seu governo-fantasma. No entanto, ele não acreditou até que eles aceitassem jurar solenemente que era realmente assim. Então, Asaf Khan e Iradat Khan colocaram Dawar Bakhsh em cima de um cavalo, ergueram o sombreiro real e seguiram para a paragem seguinte. Apesar das muitas mensagens que Nurjahan Begam enviou com o propósito de intimar o seu irmão, Asaf Khan desculpou-se e não foi nunca ao seu encontro».<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Cf. Muzaffar ALAM & Sanjay SUBRAHMANYAM, «Witnessing transition: Views on the end of the Akbari dispensation», in K. N. PANIKKAR et al., eds., *The Making of History. Essays presented to Irfan Habib*, Nova Delhi, 2002, pp. 104-40.

<sup>13</sup> Om PRAKASH sumariou em inglês o diário deste comissário em «Archival source material in the Netherlands on the history of Gujarat in the early modern period», in Ernestjine CARREIRA, ed., *Sources européennes sur le Gujarat (Moyen Orient & Océan Indien*, 10), Paris, 1998, pp. 141-51 [145].

<sup>14</sup> *The Jahangirnama: Memoirs of Jahangir, Emperor of India*, trad. Wheeler M. Thackston, Nova Iorque, 1999, pp. 456-57.

Deste modo, Shahryar, que já se proclamara imperador e se apropriara do tesouro imperial em Lahore, era obrigado a reagir e a combater o usurpador. O embate ocorreu nos arredores desta cidade e Asaf Khan logrou capturar Shahryar vivo, obrigando-o a submeter-se formalmente a Dawar Bakhsh. Este, também conhecido por sultão Bulaqi<sup>15</sup>, capitalizava o carisma do pai, e vinha igualmente ganhando o favor de Jahangir nos últimos anos do reinado. Assim, em 1623, Dawar Bakhsh tinha sido nomeado governador do Gujarat, e no mesmo ano havia recebido o *mansab*, elevado, de 8000/3000<sup>16</sup>. Mas na estratégia do *wazîr*, Bulaqi era uma figura tão crucial quanto decorativa, descrita pelos cronistas mogóis como nada mais do que um «carneiro de sacrifício» (*gosfand qurbânî*)<sup>17</sup>.

Pouco mais de 20 dias volvidos sobre o desaparecimento de Jahangir, o príncipe Khurram recebia no Decão a notícia da morte do pai. Dirigiu-se de imediato a Agra, não sem antes enviar um *farmân* ordenando a Asaf Khan que eliminasse Shahryar, Dawar Bakhsh e, bem assim, outros possíveis e legítimos candidatos ao trono. A 19 de Janeiro de 1628, Bulaqi é feito prisioneiro, ao mesmo tempo que as orações de sexta-feira passam a ser lidas em nome de Khurram, proclamado imperador com o título de Shahjahan. Dois dias depois dá-se a execução de Shahryar, de Dawar Bakhsh e do irmão Gurshasp, e ainda de dois filhos do príncipe Daniyal (Tahmurs e Hoshang), irmão de Jahangir<sup>18</sup>. Shahjahan aguarda nos arredores de Agra o momento ideal para fazer a sua aparição. A 3 de Fevereiro (7 Jumada II), seguindo escrupulosamente as indicações dos astrólogos quanto ao dia e à hora para entrar na cidade, era coroado imperador em Agra<sup>19</sup>.

Uma vez no trono, Shahjahan enfrenta enormes desafios na fronteira meridional do seu império. Em Outubro de 1629, Khan Jahan Lodi, homem de mão de Jahangir e um dos mais importantes nobres afegãos ao serviço do império (que tinha apoiado a candidatura de Dawar Bakhsh), abandona Agra e refugia-se no Decão. Antigo governador da província, é acolhido de imediato por Murtaza Nizam Shah II, sultão de Ahmadnagar. Shahjahan, que teme um levantamento da nobreza afegã ao seu serviço, reage duramente.

---

<sup>15</sup> Bulaqi, escrito por vezes nos textos safávidas como «Bulaghi», parece ser um nome turco e não de origem persa. A etimologia que tenta relacionar este nome com Bulaq, pequena vila perto do Cairo, parece falsa.

<sup>16</sup> *Jahangirnâma*, trad. Thackston, p. 397. Os números indicados (*zat/sawâr*) correspondem aos graus numéricos do sistema mogol de *mansabdari*.

<sup>17</sup> Shahnawaz KHAN, *Ma'asir-ul-Umara, being biographies of the Muhammadan and Hindu officers of the Timurid sovereigns of India from 1500 to about 1780 A.D.*, trad. H. Beveridge, 3 vols., Calcutá, 1911-52, vol. I, p. 290. Veja-se igualmente Khwaja Kamgar HUSAINI, *Ma'asir-i Jahangiri: A contemporary account of Jahangir*, ed. Azra Alavi, Bombaim, 1978.

<sup>18</sup> *Jahangirnâma*, trad. Thackston, pág. 460.

<sup>19</sup> Para um resumo dos acontecimentos, ver Banarsi Prasad SAKSENA, *History of Shah-jahan of Dihli*, reimpr., Allahabad, 1968, pp. 56-65; John F. RICHARDS, *The Mughal Empire*, vol. I, 5, *The New Cambridge History of India*, Gordon JOHNSON et al., eds., reimpr., Nova Delhi, 1995, pp. 116-18.

Dirige-se para sul e instala a sua corte em Burhanpur, no antigo reino de Khandesh, em Março de 1630. Aí se manterá até Março de 1632 e é daí que lança sucessivos ataques contra Khan Jahan Lodi ao longo de todo o ano de 1630. Este acaba por ser capturado e morto em Janeiro do ano seguinte <sup>20</sup>.

A presença da corte no Decão é um claro sinal de que o imperador pretende acompanhar directamente o governador da província, Mahabat Khan, no processo de submissão dos sultanatos da região. Uma primeira campanha contra Ahmadnagar, que acolhera Khan Jahan, desenrola-se até 1633, culminando no cerco ao forte de Daulatabad. Em 1635-1636, e para além da extinção formal da dinastia Nizam Shahi de Ahmadnagar, Shah-jahan lograra «domesticar» os sultanatos de Bijapur e Golconda. Ambos reconhecem desde então a hegemonia mogol, expressa no pagamento de um tributo e na leitura da *khutba* em nome de Shahjahan.

Todavia, os primeiros anos do reinado de Shahjahan estiveram longe de ser tão simples e lineares quanto esta breve súmula pode fazer crer. Para além de muitos outros escolhos, entre os quais avulta a terrível fome de 1630-1631, o imperador teve de enfrentar desde o início uma espécie de fantasma. Na verdade, e logo após a morte dos cinco príncipes em Janeiro de 1628, difundiu-se o rumor de que o sultão Bulaqi teria sido poupado e de que, como legítimo herdeiro de Jahangir, preparava um exército revoltoso para disputar o poder ao usurpador Shahjahan. A sua fuga teria contado com a conivência de Asaf Khan, que sacrificara uma outra pessoa no lugar do príncipe. A colaboração de Mahabat Khan, um importante nobre de origem persa que havia sido muito próximo de Khusrau, fora igualmente decisiva.

Na mesma ocasião, propagou-se o boato de que Baisunghar – um outro filho do príncipe Daniyal que tomara o partido de Shahryar aquando da controversa sucessão de Jahangir – teria sobrevivido depois da derrota infligida em Lahore por Asaf Khan. De facto, este primo de Bulaqi logrou escapar para o Badakhshan, onde acabaria por morrer. No entanto, alguém fazendo-se passar pelo príncipe viajou até Balkh, e daí para a Pérsia, acabando por se instalar em Istambul. Pretendia desapossar Shahjahan do trono mogol com o apoio do sultão Murad IV (r. 1634-1640). Todavia, e tendo deixado uma péssima impressão na corte otomana, este homem não tardou a ser identificado como impostor. Enviado para a Índia a pedido de Shahjahan, seria executado em 1636 <sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Sobre Khan Jahan Lodi, ver Afzal HUSAIN, *The Nobility under Akbar and Jahangir: A study of family groups*, Delhi, 1999, págs. 149-50; e M. A. RAHIM, *History of the Afghans in India, A.D. 1545-1631*, Karachi, 1961.

<sup>21</sup> Naimur Rahman FAROOQI, *Mughal-Ottoman Relations (A study of political & diplomatic relations between Mughal India and the Ottoman Empire, 1556-1748)*, Delhi, 1989, pp. 6, 26, 46-48. Farooqi apoia-se na crónica de Mustafa NA'IMA (1655-1716), *Tarikh-i Na'ima*, ou *Rauzat al-Husayn fi Khulâsat Akhbâr al-Khâfiqayn*. Para uma tradução parcial deste texto, veja-se Charles FRASER, *Annals of the Turkish Empire, from 1591 to 1659*, Londres, 1832; e também a edição moderna, *Na'imâ Târihi*, ed. Zuhuri Danishman, Istambul, 1967-69, 6 vols., vol. III, pp. 1260-64, *passim*.

Os observadores ocidentais, exceção feita aos Portugueses por razões que adiante se explicitarão, não deram grande relevo ao episódio de Baisunghar. Contudo, foram assaz sensíveis à lenda de Bulaqi e dela fizeram amplo eco nos seus escritos. Para além de breves referências a Bulaqi nos textos de Johannes De Laet<sup>22</sup> e Peter Mundy<sup>23</sup>, há a registar um punhado de interessantes versões sobre este episódio. O alemão Mandelslo, notando que Shahjahan usurpara o trono ao sobrinho, diz que encontrou o príncipe «Polago» em Qazwin, na Pérsia<sup>24</sup>. Já Thomas Herbert é mais prolixo. Explica que Jahangir chegou a nomear Bulaqi seu sucessor mas que este, muito novo e sem experiência, se viu desde logo condicionado por Nur Jahan e também por Asaf Khan, que ordenou a um tal 'Radgy Bandor' que o matasse em Delhi. E remata a história do «pobre príncipe» que reinou apenas três meses, sublinhando que não tardaram a aparecer dois falsos Bulaqis, cada um deles suficientemente carismático para arregimentar seguidores<sup>25</sup>.

O excursus de Jean-Baptiste Tavernier sobre Bulaqi, cuja fuga para a Pérsia também dá como certa, é igualmente muito interessante. Este viajante francês refere-se ao sultão a propósito da guerra de sucessão (1657-1658), estabelecendo uma curiosa associação entre crime e castigo. Para Tavernier, a prisão de Shahjahan pelo próprio filho, Aurangzeb, não era mais do que o pagamento da injustiça que o próprio havia cometido três décadas antes, ao mandar matar o sobrinho Bulaqi<sup>26</sup>. Encontra-se a mesma ideia no texto do viajante italiano Gemelli Careri, que conta a história do seguinte modo: «Se olharmos para a vida de Sciah-Gehan, verificamos que foi punido pela mão de Deus tal como merecia, pelo mal que fez a seu sobrinho Bulaki, usurpando-lhe a Coroa». E narra a luta pela sucessão depois da morte de Jahangir, terminando com o episódio da fuga de Bulaqi com a ajuda de Asaf Khan, que teria jurado ao imperador, antes deste morrer, «que nunca consentiria que Bulaki fosse morto; o que acabou por cumprir fielmente, mas sem o colocar no trono». Careri finaliza a sua versão dizendo:

«Ao receber estas tristes notícias [da sucessão de Shahjahan] no caminho, Bulaki ficou consternado e percebeu que só estaria em segurança

---

<sup>22</sup> *De Imperio Magni Mogolis* (1631), trad. & ed. J. S. HOYLAND & S. N. BANERJEE, *The Empire of the Great Mogol. De Laet's Description of India and Fragment of India History*, reimpr. Nova Delhi, 1974, p. 238.

<sup>23</sup> *The Travels of Peter Mundy, in Europe and Asia, 1608-1667*, ed. Richard C. TEMPLE, vol. II (*Travels in Asia, 1628-1634*), Londres, 1914, pp. 105, 107, 206.

<sup>24</sup> *Relation du voyage D'Adam Olearius en Moscovie, Tartarie, et Perse, augmentée en cette nouvelle edition de plus d'un tiers, particulièrement d'une seconde voyage de Mandelslo aux Indes Orientales*, 2.<sup>a</sup> ed., 2 tomos, Paris, 1679, tomo 2, p. 179.

<sup>25</sup> Thomas HERBERT, *Relation du Voyage de Perse et des Indes Orientales*, Paris, 1663, pp. 175-79. A edição de William Foster não inclui a parte relativa ao império Mogol (*Travels in Persia, 1627-29*, Nova Iorque, 1929).

<sup>26</sup> *Travels in India by Jean-Baptiste Tavernier*, eds. V. BALL & William CROOKE, reimpr., vol. I, Nova Delhi, 1995, liv. II, cap. III, pp. 267 segs.

fugindo, o que era fácil de fazer dado que os seus inimigos não acharam apropriado persegui-lo. Deambulou pela Índia durante muito tempo, tornando-se um Fachir. Cansado, por fim, com essa penosa ocupação, retirou-se para a Pérsia, onde foi nobremente recebido e acolhido por Scia Sofi.»<sup>27</sup>

Regressamos aqui à ideia do príncipe transformado em *qalandar* ou em *faqîr*, tema tão presente na crónica de Couto. Mais tarde, nos finais do século XVII, Niccolò Manuzzi, enredando-se em detalhes mais ou menos fantasiosos e confundindo em absoluto os parentescos dos protagonistas, dá conta da entrada triunfal de Shahjahan em Agra e da queda de Bulaqi a quem, desde então, nada mais restava senão viver fugindo<sup>28</sup>. O texto de Manuzzi vai acompanhado de um retrato (ao estilo mogol) de Bulaqi, com o título seguinte:

«È questo il ritratto dell'infelice principe sultan Bolaqui, figlio maggiore di Djehanguir; per aver voluto vivere fra i sollazzi come suo padre, diede modo a suo fratello di usurpare il trono; per questo che nelle cronache egli non ha mai il titolo di re; per salvarsi fuggì presso il re di Persia, e là restò fino alla morte.»<sup>29</sup>

Como adiante se verá, a existência de uma pessoa na corte safávida que todos tomam pelo verdadeiro Bulaqi, tem pleno acolhimento na generalidade dos textos escritos por viajantes europeus, mas também nas fontes portuguesas. É desconhecido, no detalhe, o modo como o recorrente boato da «ressurreição» de Bulaqi, conjugado com a oposição movida pelo falso Baisunghar, incomodou Shahjahan. Era necessário saber até que ponto estes episódios condicionaram a sua acção, tanto ao nível da autoridade interna como no plano externo, nomeadamente no que se refere às sempre delicadas relações com a Pérsia. Não dispomos de informação suficiente para estabelecer um paralelo, por exemplo, com a enérgica e bem documentada reacção do imperador chinês Yongzheng (r. 1723-1735) a um rumor de revolta, contra si e contra o domínio manchu da China, que grassou em 1728<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> Surendranath SEN, *Indian travels of Thevenot and Careri*, Nova Delhi, 1949, pp. 232-233.

<sup>28</sup> Niccolao MANUCCI, *Storia do Mogor or Mogul India*, trad. William Irvine, vol. I, reimp., Nova Delhi, 1981, pp. 172-75.

<sup>29</sup> *Storia del Mogol di Nicolò Manuzzi veneziano*, ed. Piero FALCHETTA, vol. I, Milão, 1986, p. 98.

<sup>30</sup> Um tal Zhang Xi, mensageiro de um professor do Hunan chamado Zeng Jing, procurara aliciar para essa causa o governador-geral das províncias de Shaanxi e Sichuan, o general Yue Zhongqi. Este informou de imediato Pequim do sucedido, dando origem a um processo verdadeiramente kafkiano de investigação promovido pelo próprio imperador e que foi recentemente estudado de forma admirável por Jonathan D. SPENCE (*Treason by the Book*, Nova Iorque, 2002).



**2. «Bulaqi visto por Manuzzi»**

(in Piero FALCHETTA, ed., *Storia del Mogol di Nicolò Manuzzi veneziano*,  
vol. I, Milão, Franco Maria Ricci, 1986, p. 98)

### A perspectiva de Goa

A lenda de Bulaqi alcançou alguma notoriedade na documentação portuguesa da época. Ao contrário do que se verifica com os restantes registos ocidentais, não são os viajantes, nem sequer os missionários, a falar do assunto. No caso vertente, as informações devem colher-se na documentação de estado, tanto na correspondência trocada entre Goa e Lisboa, como nas reflexões do vice-rei de então e nas actas das reuniões formais que promoveu na capital do Estado da Índia para a discussão do problema.

A extraordinária dimensão do império mogol, e o seu claro ascendente sobre a política do Decão, poderiam ter um impacto tão imediato quanto devastador sobre as posições portuguesas no subcontinente. Recebendo detalhadas notícias por intermédio dos jesuítas que viviam na corte, sem prejuízo de informações recolhidas por outros canais, os vice-reis em Goa habituaram-se a observar e a avaliar todos os movimentos dos Mogóis, incluindo o devir da sua política externa. Seguiam com particular cuidado as revoltas e as deslocações de exércitos, mesmo as que ocorriam na remota fronteira da Ásia central. Assim, não é de estranhar que os Portugueses tivessem dedicado considerável atenção aos processos de transição régia. Em situações críticas, defrontados com um imperador demasiado adverso aos interesses de Goa, as lutas fratricidas pelo poder e a agitação em Agra, Delhi ou Lahore eram fenómenos acarinhados pelos Portugueses, tendo em vista a salvaguarda do Estado da Índia.

Apenas dois exemplos. Dada a debilidade de Akbar, conjugada com a revolta do príncipe Salim, o assunto da previsível sucessão imperial era amplamente discutido entre Goa e o reino nos primeiros anos do século XVII. Em Março de 1604, Filipe III antecipava um quadro muito favorável aos interesses portugueses: «O estado em que me dizeis que esta o Equebar com seu filho mais velho he o que mais convem a esse Estado conforme aos intentos deste Rei quererá Deus que emquanto viver contynue esta divisão entre elles que por sua morte bem se entende que a avea em todos os seus Reynos.»<sup>31</sup> Um ano e meio depois, a morte de Akbar e a ascensão de Jahangir foi acompanhada com enorme atenção pelos jesuítas que viviam na corte<sup>32</sup>.

Avaliemos agora, já na segunda metade do século, a reacção portuguesa à ascensão de Aurangzeb (r. 1658-1707). O sucessor de Shahjahan suscitou, entre os Portugueses, os temores mais fundos e as imagens mais críticas. Mas, uma vez mais, o espectro das guerras intestinas e da «implosão» política do império constituía um cenário favorável ao Estado da Índia. Escrevia o vice-rei para Lisboa em 1666: «Os irmãos filhos do Mogor andão em (...) guerras, e o mais velho se foi para a parte da Perçia, e não se sabe com

---

<sup>31</sup> Rei ao vice-rei, Valhadolid, 23.III.1604; Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, cód. 282, fls. 206-207v [207].

<sup>32</sup> Cf. ALAM & SUBRAHMANYAM, «Witnessing Transition», esp. pp. 108-12.

certeza delle, por haver cido desbaratado; os mais irmãos tem tido varios encontros o que se intitula Rey Auranzeb e esta de posse do reino dizem ser tirano e cruel e não muito afeiçoado aos christãos.»<sup>33</sup> O perfil de Aurangzeb levava, pois, a que se apoiasse uma solução alternativa. É esse o sentido das instruções dadas a Gregório Pereira Fidalgo aquando da sua embaixada a Pérsia em 1696-1697. Dada a idade avançada de Aurangzeb, o embaixador deveria promover um contacto com o príncipe Akbar, então refugiado na corte safávida: «Para o levares a este fim lhe mostrareis as grandes utilidades que se lhe seguirão da nossa amizade para as pretensões que elle tiver no Industão como filho do Mogor, achando-se este tão velho, he força tenha pouca duração a sua vida.»<sup>34</sup>

A reacção portuguesa à subida ao trono de Khurram e às movimentações de Bulaqi inscreve-se neste modelo de actuação. Como é de ver, a emergência da figura de Shahjahan foi seguida em Goa, e também em Lisboa, com particular preocupação. Os primeiros passos do «Rei do Mundo» prenunciavam uma difícil relação com os Portugueses e com o Cristianismo. De facto, o eclectismo religioso de Akbar e de Jahangir, origem de sonhos e desilusões quanto a uma possível conversão da corte mogol, era substituído por uma cultura política islâmica de carácter mais ortodoxo, prosseguida e intensificada por Aurangzeb. Os preceitos da *Shari'a* implicavam o encerramento parcial de templos de outras religiões e as perseguições a missionários não tardaram. Os jesuítas mantiveram a missão do «Mogor», mas longe do fulgor de outros tempos.

A este revés, religioso mas também político, juntava-se um outro escolho, político mas também económico. Falamos da destruição do estabelecimento português de Hugli em 1632 que, independentemente da hierarquia dos motivos em presença, põe a claro o pendor mercantil da estratégia imperial de Shahjahan<sup>35</sup>. Por tudo isto, não admira que a imagem de Shahjahan nos textos portugueses da época seja claramente negativa, bem pior do que a do seu pai ou a do seu avô. De acordo com os jesuítas que vivem em Agra, o imperador tem «aos padres e aos frangis todos naturalmente asco»<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> Vice-rei ao Rei, Goa, 22.III.1666; Goa, Historical Archives of Goa [doravante HAG], *Monções do Reino*, n.º 36, fl. 535.

<sup>34</sup> Jean AUBIN, *L'Ambassade de Gregório Pereira Fidalgo à la cour de Châh Soltân-Hosseyh, 1696-1697*, Lisboa, 1971, pp. 99-128 [115]. Ver ainda P. PISSURLENCAR, «Prince Akbar and the Portuguese», in *Bengal Past and Present*, XXXV (1928), pp. 163-169.

<sup>35</sup> Cf. Sanjay SUBRAHMANYAM, «Through the looking glass: some comments on Asian views of the Portuguese in Asia, 1500-1700», in A. Teodoro de MATOS & L. F. THOMAZ, eds., *As relações entre a Índia portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente. Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Macau-Lisboa, 1993, esp. pp. 396-401; Jorge M. FLORES, «Relic or Springboard? A Note on the «Rebirth» of Portuguese Hughli, ca. 1632-1820», in *The Indian Economic and Social History Review*, 39/4 (2002), pp. 381-95.

<sup>36</sup> «Relação d'algumas cousas que passarão na Missão do Mogol, des do fim do anno 627 te ao dia presente 13 de Junho de anno 1628»; Londres, British Library, Add. Ms. 9854, fls. 116-30, pub. in *Documentação Ultramarina Portuguesa*, vol. III, Lisboa, 1963, pp. 187-98 [188].

«Tirano» e «cruel» são alguns dos adjectivos mais comuns entre os Portugueses para caracterizar aquele que continuam a designar, em tom pejorativo, como o «sultão Corromo».

A ascensão de Shahjahan e os primeiros passos da sua política enquanto imperador coincidiram, *grosso modo*, com o início do mandato do 3.º conde de Linhares como vice-rei da Índia (1629-1635). D. Miguel de Noronha começa a governar em Outubro de 1629, justamente no momento em que Khan Jahan Lodi abandona Agra em direcção ao Decão. A investida de Shahjahan sobre o Decão, bem como a deserção do nobre afegão e a morte de Bulaqi, são assuntos com considerável projecção na documentação portuguesa da época. Para mais, o governo do conde de Linhares encontra-se particularmente bem documentado, dado que, seguindo instruções régias, D. Miguel de Noronha preparou um diário do seu governo<sup>37</sup>. E é esse admirável texto, conjugado com a informação veiculada nos «livros das monções» e com os assentos do conselho de estado, que permite reconstituir o modo como os Portugueses lidaram com a lenda do «sultão Bolaquim».

A primeira notícia sobre Bulaqi registada nas fontes portuguesas data de 15 de Março de 1630. Informado por um espião seu, colocado no «campo do Mogor», o vice-rei regista no seu diário o avanço de Shahjahan em direcção ao Decão e nota que o imperador deixara Agra, «que he çidade aberta e sem defensiva», por temer a reacção de Bulaqi, mais do que para conquistar o sultanato de Ahmadnagar. Descreve de seguida a sangrenta tomada do poder por Shahjahan e defende a legitimidade do filho de Khusrau ao trono. Segundo a versão que chegara a Goa, tinha sido a mulher de Mahabat Khan a salvar Bulaqi, «pondo em seu lugar outro morto». O verdadeiro Bulaqi fugiu para Delhi e, sob a protecção de Mahabat Khan, acabou por casar com uma filha deste. Linhares exulta ainda com uma possível aliança entre Khan Jahan e o sultão de Ahmadnagar e remata notando que, se Bulaqi chegar ao poder, os holandeses serão expulsos de Surat<sup>38</sup>.

Dois meses volvidos, mais notícias sobre Bulaqi. A 12 de Maio, Linhares dá conta da chegada a Goa de cartas do Bengala, provavelmente escritas e/ou enviadas por Gaspar Pacheco de Mesquita, fonte de informação privilegiada do vice-rei sobre os assuntos daquela região. Dizem-lhe

---

<sup>37</sup> Todavia, o diário de Linhares não se encontra completo e dele existem actualmente três partes distintas. A primeira, conservada na Biblioteca da Ajuda [BA], Lisboa (cód. 51-VII-12), abarca o período que vai de 3 de Março de 1630 a 6 de Fevereiro de 1631. A segunda, também inédita, guarda-se na Biblioteca Nacional, Lisboa (cód. 939), e cobre praticamente todo o ano de 1631 (9 de Fevereiro a 20 de Dezembro). A última, a única em letra de forma (*Diário do 3.º conde de Linhares, vice-rei da Índia*, 2 tomos, Lisboa, 1937), abarca o período de Fevereiro de 1634 a Janeiro de 1635.

<sup>38</sup> BA, cód. 51-VII-12, fls. 13v-14. Para uma perspectiva holandesa dos acontecimentos deste período, ver o diário do Comissário Dirck van der Lee, cit. *supra*, nota 13. O feitor holandês nota que a morte de Bulaqi tinha causado «um certo ressentimento, tanto entre os grandes como entre os pequenos» (p. 150).

«que o bolaquim hé vivo, e que esta muy amado e querido de todos, e que o segue muita gente e vay ajuntando muito grosso exerssito, e que o nababo de Bengala com hum genrro seu se metera em quatro naos, e fogira cõ medo para Massulapatão e que esta aquilo por aquela parte muito bem posto»<sup>39</sup>.

A 28 de Agosto, o vice-rei recebe cartas de Diogo Saraiva, seu informador na corte de Ahmadnagar. Corria em Daulatabad «que he vivo o bulaquim rei do Mogor, de que atras faço menssão que se tinha por morto, e que esta fazendo hum exercito de vinte mil homens para vir sobre o Idalcão»<sup>40</sup>. Após o cruzamento de informações algo confusas, Linhares passa o resto da monção em Goa sem outros detalhes acerca das estranhas movimentações de Bulaqi. Mas em Outubro, o vice-rei recebe uma avalanche de notícias que o levam a actuar. Sigamos a cronologia dos eventos.

A 11 de Outubro, chega ao seu conhecimento um agradável boato. Shah-jahan teria morrido, já que os baneanes afirmavam insistentemente «que he acabada a sua hera grande»<sup>41</sup>. A esta notícia, que o vice-rei recebe com entusiasmo mas também com cautela, soma-se uma outra, chegada de Bijapur no dia 14:

«Recebi cartas de Vizapor do primeiro deste mes em que me dizem que Bulaquim rey mogor que andava auzente e se tinha por morto estava ja em companhia do Mellique posto que tinha somente coatro mil cavalos e tinha ja seus embaxadores 40 legoas de Vizapor, e he o que os baneanes dizião que se lhe acabara a sua hera grande porque esteoutro vem para tomar posse do reino ainda que dizem se trata com grande aperto a paz entre o Mogor e o Mellique, mas para o estado sera de muito effeito que o Bulaquim tome posse do reino.»<sup>42</sup>

Entretanto, também Diogo Saraiva lhe escrevera de Daulatabad por 5 vezes durante o mês de Outubro, dando conta, entre outros assuntos, das andanças de Bulaqi. De posse dessas informações, o vice-rei envia para o reino uma primeira reflexão sobre esta delicada questão. Fá-lo em duas cartas, a primeira datada de 4 de Novembro 1630<sup>43</sup> e a segunda escrita a 6 de Dezembro<sup>44</sup>.

Neste preciso momento, Linhares passa do simples registo de possíveis boatos e da recolha de informações esparsas à necessidade de se informar sistematicamente, por forma a poder formular uma política consistente em

<sup>39</sup> BA, cód. 51-VII-12, fl. 36v.

<sup>40</sup> *Ibid.*, fl. 87.

<sup>41</sup> *Ibid.*, fl. 97. Shahjahan, nascido no ano 1000 da Hégira (1591-1592), possuía uma aura de tipo milenarista. Todavia, esta profecia parece ser de origem vaishnava ou jaina.

<sup>42</sup> *Ibid.*, fl. 98.

<sup>43</sup> HAG, *Monções do Reino*, n.º 16, fl. 175.

<sup>44</sup> *Ibid.*, fl. 178-178v; pub. P. PISSURLENCAR, *Assentos do Conselho do Estado*, vol. I, Goa-Bastorá, 1953, pp. 523-25.

articulação com Lisboa. Daí o sentido da sua resposta a Diogo Saraiva, redigida a 6 de Novembro:

«Com o que me dizeis sobre o sultam Bulaquim me não ey por satisfeito, e convem que vos alargueis em fazer hũa rellação larga do tempo em que escapou da morte e como e para onde se foi e esteve escondido, e como se manifestou e em que tempo, e porque cauza e de quem se valleo e o ajuda, e onde esta e con que gente e o que determina fazer, e se vem ahi valersse e ajudarsse delrrey Mellique e de Canajão, e do que se entende farão con sua vinda os capitães do mogor xaajahan, e se o dezeyão e aclamarão por seu Rey verdadeiro como he, e tambem do que seu embaxador vos disse do dezejo que trazia em tratar comigo muitas couzas declarandoas se as pudeses alcanssar, e esta rellação me manday mui bem feita por menos com todas as declarações necessarias e ma enviay para eu a enviar a Sua Magestade.»<sup>45</sup>

Na verdade, era necessário avaliar o rigor das informações entretanto recebidas e esboçar uma linha coerente de actuação. Em menos de um ano, a presença de Bulaqi tinha sido assinalada em Delhi, no Bengala e em vários locais do Decão, sendo-lhe atribuídos os mais díspares projectos de aliança. Para aumentar o desnorte, Linhares recebe notícias de Bijapur a 16 de Novembro, de cuja veracidade duvida claramente, segundo as quais Bulaqi preparava uma aliança com 'Abdullah Qutb Shah, sultão de Golconda (r. 1626-1672)<sup>46</sup>.

O projecto de Linhares passava pelo estabelecimento de uma liga anti-Shahjahan formada pelo sultão de Ahmadnagar, Khan Jahan Lodi, e Bulaqi. O Estado da Índia daria um apoio discreto a este movimento, facilitando a utilização dos portos do subcontinente sob o seu domínio. Daí que Linhares escreva a Bulaqi no dia 2 de Dezembro, «dizendo-lhe que escolhesse a parte aonde queria vir ou para o norte, ou para o sul que ahy o mandaria buscar cõ armadas em que elle viesse seguro, e que me avizasse com toda pressa»<sup>47</sup>. Era necessário, antes do mais, fazer entrar o sultão nas terras de Ahmadnagar<sup>48</sup>.

As vantagens desta aliança eram óbvias para Goa, tanto do ponto de vista político como no plano económico. Por um lado, o Estado da Índia arre-

<sup>45</sup> BA, cód. 51-VII-12, fl. 107.

<sup>46</sup> *Ibid.*, fl. 110v.

<sup>47</sup> *Ibid.*, fl. 121v; HAG, *Monções do Reino*, n.º 16, fl. 178-178v. O portador da carta do vice-rei é um «bramane inteligente», que Pissurlencar identifica com Ramogi Sinai Cotthari (cf. *Agentes da diplomacia portuguesa na Índia (hindus, muçulmanos, judeus e parses)*, Bastorá-Goa, 1952, p. 30).

<sup>48</sup> BA, cód. 51-VII-12, fls. 120v, 121. Também aqui se pode estabelecer um paralelo com a projectada aliança do Estado da Índia com o príncipe Akbar em finais do século. O vice-rei faz notar a Gregório Pereira Fidalgo que o filho de Aurangzeb deve ser instado a tomar o trono servindo-se dos portos controlados pelos Portugueses, «que temos tantas portas para elle, quantas são de Dio até Goa» (AUBIN, *L'ambassade de Gregório Pereira Fidalgo*, p. 115).

dava do poder um imperador manifestamente hostil aos Portugueses, tomando o partido do consensual neto de Jahangir. Ao longo de todo este processo, Linhares não se cansa de realçar a sua legitimidade. Trata-o por «verdadeiro Rei Mogor», vinca a empatia do povo com o sultão e, tão ou mais importante, nota a adesão da mais influente nobreza mogol à causa de Bulaqi. Num outro plano, e em caso de vitória, era certo que «as terras e alfandega de Surrate, Cambaja, e Baroche» passariam para a tutela de Goa. Aparentemente, os embaixadores de Khan Jahan já se tinham entendido com Bulaqi a este propósito <sup>49</sup>.

O mês de Dezembro de 1630 é absolutamente decisivo. A 6 desse mês, o vice-rei recebe cartas de Chaul que seriam determinantes para o desfecho do caso Bulaqi. Para além do capitão da fortaleza portuguesa, escreve-lhe Manuel de Azevedo, dando conta do facto de Bulaqi se encontrar em Chaul de Cima (Rewadanda). Viajara desde Goga de forma discreta, numa embarcação pequena e acompanhado de um número restrito de criados. Azevedo enviara-lhe alguns baneanes da sua confiança com dinheiro e presentes, homens que o conheciam bem e que garantiam tratar-se do verdadeiro Bulaqi. O capitão da fortaleza de Chaul também tinha oferecido assistência ao herdeiro de Jahangir, nomeadamente para que este abandonasse Chaul de Cima em segurança <sup>50</sup>. O problema, de facto, é que o governador («sarssamata», i.e., *sar-samat*) de Chaul isolara Bulaqi do exterior e submetia-o a uma verdadeira campanha anti-portuguesa. Instalara-o numa fortaleza que distava algumas léguas da cidade, procurando convencê-lo de que os portugueses eram seus inimigos e que planeavam matá-lo <sup>51</sup>.

A importância das notícias vindas de Chaul levam o vice-rei a reunir o conselho de estado logo no dia seguinte para debater o assunto <sup>52</sup>. Ficou decidido solicitar de imediato ao jesuíta Francisco Leão que partisse de Goa para Chaul a fim de identificar Bulaqi. É que o P.<sup>e</sup> Leão havia sido o superior da missão entre 1627 e 1628. Na corte, acompanhara a transição de Jahangir para Shahjahan e conhecia bem Bulaqi <sup>53</sup>.

O sonho da aliança do Estado da Índia com o presumível herdeiro do trono mogol esfumava-se ainda antes da entrada do ano de 1631. A 27 de Dezembro, o vice-rei recebia uma carta do P.<sup>e</sup> Francisco Leão, anunciando a sua chegada a Chaul. O jesuíta apurara já que Bulaqi se carteava com Khan Jahan Lodi e contava encetar no dia seguinte a viagem até à fortaleza onde

<sup>49</sup> BA, cód. 51-VII-12, fl. 119.

<sup>50</sup> *Ibid.*, fl. 122v.

<sup>51</sup> *Ibid.*, fls. 122v, 123v, 126.

<sup>52</sup> *Ibid.*, fl.122v; «Conselho sobre Soltão Bolaquim que veyo a Chaul de Cima», Goa, 7.XII.1630, in *Assentos do Conselho do Estado*, I, doc. 111, pp. 331-33.

<sup>53</sup> É destituído dessa função em 1628, por se ter deixado imprudentemente envolver num conflito com três venezianos que viviam na corte mogol, incompatibilizando-se em simultâneo com o poderoso Asaf Khan (cf. *supra*, n. 36).

o neto de Jahangir se encontrava retido <sup>54</sup>. Dois dias volvidos, nova missiva. O homem que acabara de visitar não era o mesmo que conhecera anos antes na corte mogol. Assevera o missionário ao vice-rei que o Bulaqi de Chaul de Cima não passava de um impostor <sup>55</sup>. O conceito de prova da identidade a que se recorreu neste caso era, pois, simples e directo: o testemunho de uma testemunha credível, neste caso um jesuíta, é visto como suficiente para descredibilizar as alegações de um homem que se denominava ele próprio Bulaqi. Nem sempre as coisas foram assim tão simples nos diferentes casos de impostura ocorridos nos séculos XVI e XVII <sup>56</sup>.

Poucos dias depois, a 12 de Janeiro de 1631, o vice-rei relata a Filipe IV o sucedido:

«em vinte de Novembro do anno passado chegou por mar a Chaul hum homẽ embussado, com voz que era o dito Bolaquim, e persuadio a todos os Mouros, e ainda christãos que aly assistem que era verdadeiro Rey do Mogor, e posto que o Morro de Chaul aonde elle em desembarcando se foi com adorações, e venerarão, e segurarão em hua fortaleza que está naquela serra a que chamão o Drugo me avizarão com toda diligẽcia para que eu o mandasse parar na fortaleza de Chaul, e como eu sou considerado em crer materias semelhantes tão depressa me pareceo mandar primeiro a hum padre da Companhia a que chamão Francisco de Leão que assistio muitos annos em doutrinar este Príncipe, fez Francisco de Leão esta diligẽcia muy bem feita posto que com risco de sua pessoa entrou na fortaleza do Drugo e em carta de 24 de Dezembro me escreve que não hé aquelle o Bolaquim.» <sup>57</sup>

O conde de Linhares desinteressa-se imediatamente do assunto. Nos anos que se seguem, o vice-rei aposta numa delicada estratégia de concertação entre Bijapur, Ahmadnagar e Golconda com o escopo de suster o avanço de Shahjahan no Decão e, desse modo, salvaguardar Goa e as fortalezas do Norte. De facto, é com dificuldade que se segue a lógica das alianças e dos conflitos entre o Estado da Índia, Shahjahan e os sultanatos do Decão durante o restante período do consulado de Linhares.

Na mesma lógica de actuação que se reconhece no caso de Bulaqi, D. Miguel de Noronha passa a dar algum crédito ao «duplo» de Baisunghar e a miragem de uma aliança do Estado da Índia com um legítimo herdeiro do trono deslocava-se agora da fronteira meridional do império para a fronteira setentrional. Sucede que Baisunghar é um dos três filhos de Daniyal que haviam sido baptizados pelos jesuítas em Agra no ano de 1610, episódio

<sup>54</sup> BA, cód. 51-VII-12, fl. 129.

<sup>55</sup> *Ibid.* fl. 129v; HAG, *Monções do Reino*, n.º 16, fl. 202v.

<sup>56</sup> Cf. Miriam ELIAV-FELDON, «Invented Identities: Credulity in the Age of Prophecy and Exploration», in *Journal of Early Modern History*, 3/3 (1999), pp. 203-32.

<sup>57</sup> Rei ao vice-rei, Goa, 12.I.1631; HAG, *Monções do Reino*, n.º 16, fl. 202v. Em erro, a carta vai datada de 12 de Dezembro de 1630.

que teve enorme ressonância na época. Nessa altura, a conversão de D. Carlos (Baisunghar), D. Filipe e D. Henrique, foi vista como um prenúncio da conversão do próprio imperador Jahangir e do seu reino <sup>58</sup>.

No Conselho de Estado reunido a 6 de Novembro de 1632 deliberou-se, pois, dar apoio à luta do apóstata:

«... neste meo tempo que era o em que o exercito do Mogor estaua destroindo o Reino do Idalcão se levantou no Reino de Cabul que he do Mogor hum primo seu que ja foy baptizado pello Pes da Comp<sup>a</sup> e se chamou Dom Carlos, e depois tornou a retroceder a fee, e se apoderou do ditto Reino, trazendo em seu favor a gente dos vsbeques, que ha a mais temida e valente de todas estas terras porque casou o dito Dom Carlos com hũa filha daquelle Rey com que o Mogor se achou necessitado a acudir a Cabul, porque daquelle parte lhe vem todos os caualllos com que forma seus exercitos, allem de que temeo que Dom Carlos se apoderasse facilmente do Reino de Laor que auisinha com o de Cabul e entendese que o fará cõ facilidade porque o ditto Mogor he tirano e malquisto (...) e Dom Carlos valente e liberal.» <sup>59</sup>

De outro modo, as referências a Bulaqi nas fontes portuguesas passam a rarear. É certo que os anos de 1632-1633 estão menos documentados, dado que não chegaram até nós os diários do vice-rei relativos a esse período. Mas não restam dúvidas de que o assunto perde acuidade em Goa. Para Linhares, o projecto de aliança com Bulaqi esfumava-se ao mesmo tempo que se diluía a ideia de tirar partido da revolta de Khan Jahan Lodi contra Shahjahan. O nobre afegão fora capturado em Janeiro de 1631 e a sua cabeça levada ao imperador, então em Burhanpur, um episódio que os artistas que ilustraram o *Pâdshâhnâma* que se guarda na Royal Library, Windsor Castle, não deixaram de registar <sup>60</sup>. Para mais, a destruição da colónia portuguesa de Hugli em 1632 colocara ao vice-rei desafios quase tão importantes quanto os que enfrentava no Decão, obrigando-o a equacionar de outro modo os interesses portugueses no lado oriental do império mogol.

Em carta datada de 28 de Fevereiro de 1632, o rei reage às informações redigidas em Goa nos meses de Novembro-Dezembro de 1630. A resposta de Lisboa é, claro está, anacrónica, porquanto não leva em linha de conta os desenvolvimentos de Chaul. Ainda assim, há um pormenor curioso a ressaltar. O rei aconselha prudência e que o «Estado ande sempre em paz com o

---

<sup>58</sup> Para uma simples reconstituição dos acontecimentos, ver Arnulf CAMPS, *Jerome Xavier S.J. and the Muslims of the Mogul Empire. Controversial works and missionary activity*, Schöneck-Beckenried, 1957, pp. 8-10; e Angel Santos HERNANDEZ, *Jeronimo Javier S.J. Apostolo del Gran Mogol y Arzobispo electo de Cranganor, en la India, 1549-1617*, Pamplona, 1958, pp. 226-32.

<sup>59</sup> «Sobre a guerra do Mogor suas detreminações e retirada entra aqui a carta sobre as cousas do Melique e tambem a retirada do Turco de Babilonia», Goa, 6.XII.1632; in *Assentos do Conselho do Estado*, I, pp. 556-57 [557].

<sup>60</sup> Pintado por Abid, ca. 1633; *The Padshahnama. King of the World*, Milo Cleveland Beach & Ebba Koch, eds., Londres, 1997, n.º 16, pp. 50-51.

Mogor», dado o seu enorme poderio. Assim, qualquer negociação com Bulaqi deveria ser o mais discreta possível, por forma a que Shahjahan nunca suspeitasse e viesse a fazer guerra ao Estado da Índia. De sublinhar a postura pragmática do monarca quanto ao possível acordo com Bulaqi. A Filipe IV não lhe repugna a possibilidade de o Estado da Índia estar, eventualmente, a promover uma aliança com um falso Bulaqi, ou seja, com um «homã que debaixo de seu nome pretende o reino do Mogor». Um «bom» falso Bulaqi era tão útil quanto o verdadeiro <sup>61</sup>. Como quer que fosse, a prudência recomendada ao conde de Linhares para que evitasse um conflito com Shahjahan é idêntica àquela que o conde de Vila Verde manifesta meio século depois, ao mandar Gregório Pereira Fidalgo para estabelecer uma aliança com o príncipe Akbar, filho rebelde do imperador Aurangzeb <sup>62</sup>.

Na resposta a Filipe IV, redigida no final de 1632, D. Miguel de Noronha informa o rei acerca da sua decisão de não mais favorecer Bulaqi, um Bulaqi que o P.<sup>e</sup> Francisco Leão lhe asseverara haver-se refugiado na Pérsia. De facto, após este «momento» português, o «fantasma» de Bulaqi viajou para norte, passando a alimentar sonhos de aliança na corte safávida. Segundo as fontes portuguesas, o rei safávida, Shah Safi (r. 1629-1642), cobri-lo-ia de mercês, confiando-lhe o comando de um exército e o próprio governo de Qandahar, a província que os Safávidas haviam conquistado aos Mogóis em 1622. Ainda que não arrisque um novo envolvimento directo, Linhares não deixa de se regozijar com esta notícia: «se isto he assy nehã couza nos pode ter mais cõveniente» <sup>63</sup>.

### Na corte de Isfahan

É facto que um «Bulaqi» se terá exilado na Pérsia e, com o apoio de Shah Safi, procurou organizar um movimento de tomada do poder a Shahjahan. Um inglês, William Pitt, afirma mesmo ter emprestado dinheiro ao «Mogulls

---

<sup>61</sup> Lisboa, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo [IAN/TT], *Livros das Monções*, liv. 30, fl. 7. Também em HAG, *Monções do Reino*, n.º 16A, fl. 3.

<sup>62</sup> «Em todas estas negociações que tocarem ao Principe Acabar vos havereis com duas cautellas, (...) a segunda em procurar saber se o pae o Grão Mogol tem na côrte alguns parciaes, que lhe sirvão de espias para observar o trato de seu filho, vos prevenireis muito destas, antes conhecendo-as lhe mostrareis a fidelidade que usamos com o Mogor, porque se não escandalise este, que como he tão vizinho nosso, e o seu poder abraça as nossas terras, poderá escandalizado romper connosco em grande damno do Estado, que não está em tempo de resisitir a tão grande inimigo», AUBIN, *L'ambassade de Gregório Pereira Fidalgo*, p. 116.

<sup>63</sup> IAN/TT, *Livros das Monções*, liv. 30, fl. 7. Filipe IV haveria de tomar conhecimento deste novo facto em Novembro do ano seguinte, concordando com a estratégia seguida por Linhares. Não percebeu o rei, todavia, que Shah Safi teria atribuído a administração de Qandahar a Bulaqi. Interpretou, antes, que lhe confiara o mesmo exército com que Shah 'Abbas I (r. 1587-1622) havia conquistado Qandahar em 1622 (Lisboa, 12.XI.1633, *ibid.*, liv. 31, fl. 65). A versão que se colhe nas fontes persas é bem diversa da versão portuguesa, como se verá adiante.

brother which fled into Persia», temendo por isso uma reacção violenta de Shahjahan <sup>64</sup>. As fontes persas dos Safavidas articulam-se até um certo ponto com as europeias neste particular, mas também há divergências significativas a registar. O cronista oficial de Shah 'Abbas, Iskandar Beg Munshi, apresenta-nos uma primeira versão dos acontecimentos ocorridos na corte mogol, que é a seguinte. Depois da morte de Jahangir – escreve ele – «os principais dignitários do estado mogol, aparentemente cumprindo uma disposição testamentária lavrada por Jahangir no momento da sua morte, nomearam como seu sucessor Dawar Bakhsh, o filho do cego sultão Khusrau que era conhecido como sultão Bolaghi, cunhando moeda e mandando ler a *khutba* no seu nome». Os outros príncipes parece terem concordado com esta solução, excepção feita a Shahryar que se encontrava em Lahore. O conflito entre Bulaqi e Shahryar é então descrito, terminando com a derrota e a cegueira de Shahryar. Iskandar Beg enreda-se seguidamente na discussão do destino do sultão Khurram e das suas flutuantes relações com Jahangir. Chega mesmo a sugerir que, algures na década de 1620, desgastado pela sua miserável condição, Khurram «tentou passar ao Irão e procurar o auxílio de Shah 'Abbas». À data da morte de seu pai, a sua posição é, pois, apresentada como sendo bastante fraca, exceptuando-se o facto de ter conseguido recolher o apoio de Mahabat Khan, que, como aí se vinca, não tinha boas relações com Asaf Khan, o principal apoiante de Bulaqi. E foi com a ajuda deste poderoso nobre e, bem assim, com a dos «príncipes do Decão», que Shahjahan marchou em direcção ao norte, logrando concitar pelo caminho o apoio de «Chagatais, Mogóis, Afegãos e Rajputes». Esta inesperada vaga de apoio acabou por conduzir a uma súbita fragilização da situação de Bulaqi. Assim, escreve Iskandar Beg:

«A fortuna do sultão Bolaghi começou a declinar, e os dignitários do estado que o seguiam, bem como as mais sagazes cabeças entre os seus comandantes militares, não viam futuro algum para um neto, agora que um ambicioso filho natural do falecido imperador estava na corrida ao trono. A sua lealdade ao sultão Bolaghi diluiu-se e eles começaram a abandonar Lahore e a dirigir-se para Agra a fim de se juntarem a Shahjahan, competindo uns com os outros para provarem a sua lealdade e serviços.» <sup>65</sup>

Abandonado pelos seus nobres e tropas, Bulaqi acabou traído também pelo seu principal apoiante, Asaf Khan, que é retratado nesta crónica, não como o mentor da operação que haveria de colocar Shahjahan no trono, mas antes como um cúmplice pouco convicto. Foi apenas para se colocarem nas boas graças de Shahjahan que Asaf Khan e os seus homens mataram os cinco

<sup>64</sup> Carta a William Methwold (em Surat); Dabul, 19.V.1636; in William FOSTER, ed., *The English Factories in India, 1634-1636*, Oxford, 1911, p. 259.

<sup>65</sup> Iskandar Beg MONSHI, *History of Shah 'Abbas the Great (Tarikh-i 'Alamara-ye 'Abbasi)*, trad. Roger M. Savory, Boulder, 3 vols., 1978-86, vol. II, pp. 1290-93. Para a tradição cronística dos Safavidas neste período, ver Sholeh A. QUINN, *Historical writing during the reign of Shah 'Abbas: Ideology, imitation, and legitimacy in Safavid chronicles*, Salt Lake City, 2000.

príncipes. Um dos que foram mortos é denominado por Iskandar Beg como «Dawar Bakhsh ibn Sultan Khusrau, conhecido como sultão Bolaghi e intitulado Sher Shah». Esta última informação, relativa ao título que Bulaqi alegadamente assumiu ao ascender ao trono, não é passível de ser encontrada em nenhuma outra fonte, quer mogol quer portuguesa.

Não obstante, a informação fornecida por Iskandar Beg na sua crónica é contraditada por uma outra fonte persa, paradoxalmente um texto que constitui a continuação da mesma crónica do mesmo Iskandar Beg, escrita de parceria com um tal Muhammad Yusuf, intitulada *Zail-i Târikh-i 'Âlamârâ-yi 'Abbâsî*<sup>66</sup>. A *Zail*, no relato que faz dos acontecimentos relativos ao ano de 1041-1042 H. (1632), contém uma minuciosa descrição do caso do «sultão Bulaghi», que valerá porventura a pena parafrasear aqui com um certo detalhe, dado que lança alguma luz sobre um conjunto de questões. A secção relevante da crónica começa por notar que, entre os afegãos Tarin (na fronteira entre os domínios safavidas e os mogóis), vivia um rapaz de 15 anos, que havia sido trazido clandestinamente (*duzdîda wa poshîda*) à presença do seu líder, Sher Khan Tarin. Este, por sua vez, decidiu admiti-lo ao seu serviço. O rapaz era tido como filho do príncipe mogol, o falecido sultão Khusrau, que por sua vez era filho de Shah Salim, filho de Jalal-ud-Din Muhammad Akbar, outrora soberano do Hindustão. Aparentemente, o nome do rapaz era Nabdi Mirza, e é afirmado que Sher Khan o tinha em grande segredo, tanto que muito poucas pessoas sabiam da sua existência até o rapaz ser capturado por 'Ali Mardan Khan, o governador safavida (*beglerbegî*) de Qandahar, durante uma escaramuça com os Tarins. 'Ali Mardan Khan enviou-o então ao rei safavida, com detalhes relativos à sua história e às suas origens reais mogóis. Por seu lado, o Shah colocou-o sob custódia do *wazîr* de Isfahan, pedindo-lhe para o manter no fortaleza de Tabrak, com todas as honras e dignidades próprias de um príncipe da sua condição, até que a verdade sobre ele se apurasse.

No entretanto, todavia, um outro rapaz, este na casa dos vinte anos, chegara à ao sul da região iraniana de Fars via porto de Surat. Reivindicava nada mais nada menos do que ser o próprio Dawar Bakhsh Mirza, o filho de Khusrau, e disse que havia sido coroadado a caminho de Kashmir (*dar râh-i Kashmîr*), com a ajuda de alguns nobres, como sucessor do sultão Salim depois da morte deste. Este príncipe, sublinha-se, era commumente conhecido, não pelo seu nome formal, mas antes por sultão Bulaghi (não «Bulaqi»). Os autores da *Zail* vincam o facto de Dawar Bakhsh ter sido já mencionado na *Târikh-i 'Âlamârâ-yi 'Abbâsî* no âmbito do relato dos últimos anos de Jahangir. E resumem a história do seguinte modo: aquando da morte de Jahangir (ou Salim), Bulaghi – tirando partido do facto de o príncipe Khurram não estar de boas relações com o falecido imperador, mas também

---

<sup>66</sup> Iskandar Beg MUNSHI & Muhammad YUSUF, *Zail-i Târikh-i 'Âlamârâ-yi 'Abbâsî*, ed. Suhaili KHWANSARI, Teerão, 1938, pp. 120-26. Estamos profundamente gratos a Muzaffar Alam pela sua generosa ajuda no que respeita à leitura e interpretação deste texto.

por se encontrar muito longe nessa altura (no Decão) – dirigiu-se para Lahore e fez-se coroar imperador. Mas quando os seus apoiantes ouviram falar da chegada iminente de um grande exército sob o comando de Khurram, abandonaram-no e fugiram todos. Assim, Khurram tomou Agra, a capital mogol, estabelecendo-se firmemente como novo imperador com o nome de Shahjahan. Asaf Khan – que é apresentado como o principal apoiante de Khurram (em contraste com o que diz a outra crónica safavida, anterior) – e outros nobres pensaram ser melhor fazer a paz com Bulaghi, assim como com outros príncipes rivais. Asaf Khan persuadiu então Bulaghi a submeter-se ao novo imperador; explicou a sua posição a Shahjahan e tentou que este o perdoasse. Mas o imperador não cedeu e ordenou a morte de Bulaghi, juntamente com a de vários outros príncipes. Consequentemente, Bulaghi foi executado (*badarjâ-i shahâdat*), assim como cinco outros desafortunados príncipes. Dado que esta versão corria no Irão em 1630, quando o homem que reclamava ser Dawar Bakhsh entrou na província de Fars, o governador local, Imam Quli Khan, enviou um relatório sobre ele ao Shah. Este, prudentemente, ordenou que o mesmo fosse recebido de forma consentânea com a dignidade real e enviado para a corte se, após uma investigação, a sua versão provasse ser verdadeira. Continua o cronista:

«A história que ele contou de si próprio em Bandar [‘Abbas] e que eu ouvi é a seguinte: «Quando Shahjahan ascendeu ao trono, ele ordenou a minha execução. Fui informado por alguns dos meus amigos acerca dessa conspiração, e também me revelaram em que noite é que era suposto eu ser preso. Eu tinha um escravo quase da minha idade. Disse-lhe para dormir na minha cama no meu lugar. Ele hesitou de início, mas eu assegurei-lhe que nenhum mal lhe sucederia, uma vez que era eu, e não ele, o alvo do imperador. Nessa mesma noite, fugi na escuridão em direcção à selva, sobrevivi comendo ervas durante catorze dias enquanto vagueava pelo sertão e me escondia das pessoas. Então, disfarçado de *dervish*, juntei-me a um grupo de *fâqirs* e, finalmente, cheguei a Surat. Aí conheci o governador (*hâkim*) do porto e dei-lhe conta da minha difícil situação. Ele foi muito gentil e ajudou-me bastante. Guardou segredo, colocou homens e dinheiro à minha disposição e aconselhou-me a partir para o Irão, por forma a evitar que algum mal me acontecesse a mim, mas também a ele. Com a ajuda de Deus, parti para a corte régia [Ispahan].

«Quando cheguei ao porto de Fars [Bandar ‘Abbas], muitos pensaram que eu era um impostor e um mentiroso. Alguns, no entanto, reconheceram em mim sinais de nobreza e acreditaram no que eu disse. Fiquei em suspenso entre a verdade e a mentira, entre o medo e a esperança (*khauf-o-rajâ, sidq-o-kizb*) durante algum tempo após ter entrado na província de Fars, até que encontrei algumas pessoas que me haviam visto enquanto sultão a caminho de Kashmir. Reconheceram-me e difundiram entre os outros as novas sobre mim. Vi-me então rodeado de numerosos servidores (*khidmatgârân*). Gente da Índia e mercadores hindus vieram ao meu encontro, dando-me toda a ajuda que podiam, quer em dinheiro quer em géneros (*naqd-o-jins*).

«Num primeiro momento, Imam Quli Khan acreditou no meu testemunho e demonstrou o respeito adequado. Mas, mais tarde, dada a negação (*inkâr*) da minha identidade por alguns mercadores, começou a suspeitar de mim e, consequentemente, desci na sua estima. Enviou então um relatório sobre mim ao Shah, apresentando as suas próprias dúvidas. Por conse-

quência, fui convocado para ir a Isfahan e aí, de novo, fiquei suspenso entre a esperança e o medo. O Shah, no entanto, foi muito cordial, fez com que eu fosse tratado com respeito, e assegurou-me que o meu conforto estava garantido e que os meus pedidos seriam tomados em conta, de acordo com as regras da hospitalidade»».

Este longo relato, escrito na primeira pessoa, dando voz ao homem que reclamava ser o sultão Bulaghi, constitui uma contribuição particularmente valiosa para o nosso entendimento daquilo que então era conhecido no Irão sobre este assunto. Integra vários elementos já revelados, incluindo o que se refere ao período passado por Bulaghi como *dervish*. Em simultâneo, introduz também um novo tema de cariz conspirativo, ou seja, o tópico da substituição (neste caso do príncipe pelo escravo)<sup>67</sup>. Verificamos, assim, que tal como Linhares enviara um seu representante jesuíta a fim de confirmar a identidade do pretendente, também no Irão as reivindicações deste «Bulaghi» foram encaradas com cepticismo e postas à prova. A *Zail* termina o seu relato notando que Bulaghi viveu durante algum tempo como convidado de um importante funcionário, o *nâzir-i buyûtât*. A certa altura, e na presença deste último, dois indianos visitaram Bulaghi e comprovaram as suas pretensões. Sabendo da sua existência, muitos mercadores de Multan (*tabaqai multâniyân*), que então viviam em grande número em Isfahan, reuniram-se na residência do príncipe para lhe apresentarem os seus respetos (*kârnish*). Dois meses volvidos, o Shah expressou finalmente o desejo de o conhecer. Durante a sua audiência com o Shah, Bulaghi foi distinguido com a oferta de um cavalo especial, e o Shah terá sublinhado: «Realmente, tanto a linhagem como a grandeza são evidentes no seu semblante. A julgar também pela sua elocução, parece grave e sensato. Não usa palavras vãs (*bi-mahâsal*).»

O Shah determinou então que Bulaghi e Nabdi Mirza, o rapaz que chegara via Qandahar (e que alegadamente também era filho do sultão Khusrau), se conhecessem. Talvez isto constituísse também um teste, ainda que neste caso estivesse em questão, não uma, mas duas pretensões. Quando os dois se encontraram, não se reconheceram. No entanto, passaram uma noite juntos e aludiram a nomes de várias mulheres pertencentes aos haréns de Khusrau, Shahjahan e de outros príncipes, fazendo considerações sobre as suas qualidades e defeitos por forma a testarem mutuamente as respectivas reivindicações e, também, para aferirem do grau de familiaridade de um e de outro relativamente às pessoas mencionadas. Tornou-se então claro para o sultão Bulaghi que este Nabdi era de facto seu irmão, tendo-o abraçado de modo afectuoso (*aghosh-i mihrbânî*). O Shah ordenou, por consequência, que os dois irmãos deveriam viver juntos doravante.

---

<sup>67</sup> É possível relacionar as origens da ideia de substituição e do resgate clandestino de um príncipe do interior de um palácio durante um cerco, com um conjunto de textos que remontam ao período de Vijayanagara no sul da Índia. Não é este o lugar para se explorar o tema, pelo que remetemos para o estudo de Velcheru Narayana RAO, David SHULMAN & Sanjay SUBRAHMANYAM, *Textures of Time: Writing History in South India, 1600-1800*, Nova Delhi, 2001. Ver ainda Robert SEWELL, *A Forgotten Empire: Vijayanagar*, Londres, 1900, pp. 222-31.

Mais tarde, regista a crónica, quem quer que viesse da Índia confirmava que também no Hindustão o assunto da fuga de Bulaghi era amplamente discutido, ainda que – escrevem os autores da *Zail* – a história de Bulaghi fosse verdadeiramente incrível. Era realmente uma das «maravilhas da época» que ele tivesse logrado escapar ao seu destino, apesar de sujeitos – ele e os restantes príncipes que se opunham a Shahjahan – a uma vigilância apertadíssima por parte dos apoiantes do imperador. O que ainda tornava a história mais estranha era o facto de Bulaghi ter alimentado a ambição de vir a ser ele próprio imperador, e de ter sido emitida uma ordem régia para pôr termo à sua vida. Assim, escrevem as crónicas iranianas, é possível que alguns dos guardas tivessem afrouxado a vigilância, ou até que estes o tenham ajudado a fugir, matando de seguida o escravo por forma a apaziguar a cólera do rei. Só Deus podia saber a verdade acerca de tudo isto.

Mas a crónica não termina com este relato dos príncipes mogóis em fuga, porquanto passa a tratar do caso de um outro príncipe de que já aqui se falou, Mirza Baisunghar, filho do príncipe mogol Daniyal. É referido na *Zail* que, depois da morte do sultão Salim, Baisunghar juntou-se aos apoiantes de Shahryar quando este último lutou contra o sultão Bulaghi nos arredores de Lahore. Shahryar foi derrotado e o seu exército desmantelado, enquanto que Baisunghar lograva fugir para Kabul graças à ajuda de alguns dos soldados de Shahryar. No caminho, tomou conhecimento da situação de Bulaghi e da tomada do poder por Shahjahan. Achou então que seria imprudente dirigir-se para Kabul e, alternativamente, viajou para Balkh, onde viveu durante algum tempo entre os Uzbeques e o seu soberano, Muhammad Khan. Mas como era desprovido de bom-senso, e sendo um simples fugitivo, acabou por não ser de grande utilidade para os Uzbeques. Para mais, tinha um temperamento algo difícil, pelo que os Uzbeques se tornaram indiferentes e frios para com ele. Assim, com o objectivo de partir para a corte safavida, Baisunghar viaja para Qandahar, onde conheceu 'Ali Mardan Khan, e aí ficou como seu convidado durante algum tempo antes de partir para a corte do Shah na companhia de alguns dos homens do governador. Shah Safi, regista a crónica, enviou um número considerável de homens para o receber com aparato.

Todos estes acontecimentos ocorreram antes da chegada ao Irão do homem que reclamava ser «Bulaghi». Na verdade, quando este último aí chegou, Baisunghar recusou aceitar a sua reivindicação e, como gozava da estima do Shah, não tardou a afrontar Bulaghi. Os dois homens, ambos afirmando ser príncipes mogóis, trocaram então palavras inconvenientes. Numa ocasião, em plena assembleia organizada para que se encontrassem e na qual, excepcionalmente, era esperado o próprio Shah, Baisunghar ter-se-á dirigido a Bulaghi usando termos injustos e impróprios, gritando-lhe com raiva e chamando-lhe fraude. Mas Bulaghi manteve-se calmo, ignorou as invectivas e, atribuindo tudo aquilo que acabara de ouvir à iliteracia e à loucura (*jahl wa junûn*) de Baisunghar, deixou a assembleia.

Sabendo destes acontecimentos, o Shah também declinou estar presente na assembleia. Mais tarde, aquando da marcha do Shah contra Tahmurs Gurji, que havia sido instigado a revoltar-se contra o soberano safavida pelo irmão de Imam Quli Khan e outros, Baisunghar solicitou ao Shah autorização para abandonar os seus domínios. O Shah não hesitou em autorizá-lo a voltar à Índia. Nesta ocasião, Baisunghar afirmou que pretendia regressar na esperança de colher o apoio dos sultões do Decão. Mais não recebeu do que uma centena de *tomâns* que o Shah lhe tinha enviado antes para as suas despesas no Irão. A *Zail* nota que Baisunghar era um jovem capaz, mas demasiadamente orgulhoso, tanto da sua bravura como da sua posição real. Enquanto esteve no Irão, adoptou uma postura arrogante, com um comportamento inadequado. Revelou pouca sensatez e sagacidade, para além de ser intolerante e de ter vistas-curtas.

O extenso e precioso relato da *Zail* deixa, ainda assim, um número crucial de questões em aberto. Em primeiro lugar, não resolve inteiramente todas as dúvidas acerca da autenticidade do homem que reclamava ser Bulaqi ou Bulaghi, como a própria crónica admite. Mantém-se em aberto, nomeadamente, o problema do relacionamento entre Bulaqi e Baisunghar, isto é, o facto de o último apelidar o primeiro de embuste ou fraude, quando outras fontes (como acima notámos, da sua carreira posterior junto dos Otomanos) sugerem que Baisunghar é que era realmente uma fraude. Se assim é, por que é que o Bulaqi que se encontrava na corte safavida (se acaso era o genuíno) não o desmascarou? Uma outra série de problemas reporta-se ao relacionamento entre o homem que o Padre Leão encontrou em Chaul de Cima e o homem que chegou a Bandar 'Abbas a partir de Surat. Trata-se de uma e da mesma pessoa? No caso do pretendente que se encontrava no Irão, como é que podemos conciliar o facto de um número considerável de pessoas que conheceram Bulaqi na corte mogol não hesitar em identificá-lo como tal? Em qualquer caso, parece que, após os problemas iniciais, este pretendente foi aceite pelos Safavidas como genuíno, passando a ser mencionado periodicamente nas crónicas da época, tanto nas secções mais tardias da *Zail* como noutras fontes <sup>68</sup>.

Para além do testemunho das crónicas, há que considerar a correspondência trocada entre os monarcas Shah Safi e Shah 'Abbas II (r. 1642-1666), e o sultão Bulaqi. O primeiro conjunto de cartas data *ca.* 1632, pouco depois, portanto, da chegada do pretendente ao Irão. Aqui, Shah Safi assegura ao homem que afirmava ser o príncipe mogol que ele asseguraria o seu bem-estar, anunciando que enviaria um tal Zu'lfikar Beg Qurchi Baiburdlu para o assistir. A carta é endereçada a «Bulaghi» enquanto genuíno príncipe mogol, enunciando títulos como *shâhzâda* and *farâzinda-i sarîr-i saltanat* <sup>69</sup>.

<sup>68</sup> Ver, por exemplo, *Zail*, pp. 230-40, *passim*.

<sup>69</sup> Cf. Riazul ISLAM, *A Calendar of Documents on Indo-Persian Relations (1500-1750)*, vol. I, Teerão, 1979, doc. Sh. 113, pp. 243-44.

Possuímos também uma outra carta do mesmo período, escrita por Bulaqi/Bulaghi a Shah Safi, ainda que não seja claro se esta missiva precede a outra acima referida ou se é uma resposta à mesma. O autor desta outra carta intitula-se Bulaghi *pâdshâhzâda-i Hindustân* («descendente do imperador do Hindustão») e refere-se aos seus próprios antepassados ilustres, de Timur a Humayun (que procurou refúgio junto de Shah Tahmasp no século XVI). Uma característica interessante desta carta consiste na referência que faz aos locais sagrados do Xiismo no Irão, como sejam Karbala, Ardabil ou Najaf, aos quais o autor da missiva revela ter uma especial ligação. Humilde no tom, o objectivo da carta é claramente acarinhar as pretensões safavidas e sugerir que o autor não está longe de ser, também ele, um xiita. E afirma esperar pôr termo à opressão do povo por Shahjahan com o apoio de Shah Safi <sup>70</sup>. As fontes portuguesas, como adiante veremos, sugerem que nos anos seguintes os Safavidas atribuíram a este Bulaghi alguns rendimentos, permitindo-lhe até que causasse distúrbios na fronteira mogol-safavida. Mas o essencial da actividade militar parece só ter durado até ao meado dos anos de 1630, já que, depois disso, o príncipe (verdadeiro ou falso) ter-se-á retirado para Qazwin a fim de gozar as rendas que os Safavidas lhe haviam atribuído.

O apoio safavida a este príncipe haveria de prolongar-se. Ainda ao tempo de Shah Safi, regista-se outra troca de correspondência. Uma carta, datada de Novembro de 1640, refere-se aos presentes enviados pelo sultão Bulaghi ao Shah, incluindo um escudo e uma espada. As cartas deste período sugerem uma certa familiaridade, intimidade até, entre o «príncipe» mogol e o soberano safavida, e é sabido que, por essa altura, este Bulaghi acompanhou Shah Safi numa visita a Ashraf, na região de Mazandaran <sup>71</sup>. Quando o Shah morreu, sucedendo-lhe Shah 'Abbas II, Bulaghi contava-se entre os que escreveram uma carta de condolências e de felicitações ao novo monarca, o que originou a troca de mais correspondência amigável entre ambos, assim como mútuas ofertas de presentes <sup>72</sup>. Numa destas cartas, uma *ruq'a* alinhavada por Mirza Muhammad Riza, o destinatário Bulaghi é distinguido com títulos particularmente elevados, como *Nizâm al-saltanat wa'l-khilâfat*, o que sugere que, por esta altura, quaisquer dúvidas residuais acerca da sua identidade já estariam resolvidas. Estas cartas devem ter sido escritas no tempo em que Bulaghi vivia em Qazwin, encontrando-se com vários visitantes europeus como notámos acima. Sabemos igualmente que Shah 'Abbas II terá levado consigo este Bulaqi aquando da reconquista de Qandahar aos Mogóis em 1648. E quando as falsas notícias da morte de Shahjahan chegaram à Pérsia em 1658, Bulaqi solicitou (ainda que sem sucesso) de

<sup>70</sup> *Id.*, *ibid.*, doc. Sh. 113.1, pp. 245-46.

<sup>71</sup> *Id.*, *ibid.*, docs. Sh. 130 e 131, pp. 276-77. Ver também o relato da visita a Ashraf, in *Zail*, pp. 237-238.

<sup>72</sup> *Id.*, *ibid.*, docs. Sh. 134, 135, 136 e 136.1, pp. 281-84.

imediato apoio ao monarca safavida para o colocar no trono mogol, e apressou-se a viajar de Qazwin para Isfahan <sup>73</sup>. Este parece constituir o último traço de «Bulaghi» nos documentos safavidas, ainda que encontremos alguma correspondência relativa à concessão de rendas a seu filho, sultão Khusrau <sup>74</sup>.

### A continuidade da tradição

Quanto aos portugueses, o seu profundo interesse por Bulaqi não logrou sobreviver ao desapontamento que se seguiu ao encontro com o Padre Leão em Dezembro de 1630. Todavia, Bulaqi voltaria a cruzar-se uma última vez com o conde de Linhares. A 18 de Julho de 1634, o vice-rei recebe notícias de Surat, por intermédio do jesuíta Paulo Reimão. É então informado de «que o Rei Mogor estava em Laor para responder ao Perssa sobre as couzas do Bulaquim, a quem avião passado muitos fidalgos mogores como o fizera Mirzamadafar que com capa de se hir para meca se embarcara com muita riqueza nũa nao em Surrate e tanto que se vio no mar lannsou os Romeiros de meca em hūs bateis e os que ficarão lannsouy ao mar, e se foi na volta da Perssia ajuntar com o bulaquim» <sup>75</sup>.

Uma semana depois, no dia 25, volta a ter notícias de Surat pela pena do P.<sup>e</sup> Reimão. Shahjahan estava em Lahore a caminho do Kashmir, onde esperava defrontar Bulaqi. Desta vez, o filho de Khusrau resolvera desafiar claramente o tio, enviando-lhe uma embaixada, «e de presente hũa espada e hum catre de ouro, e dizia a embaixada escolhesse qual fosse de mais seu gosto ou o catre para descansar entregandolhe o reino, ou a espada com a qual o podia esperar, o Mogor sentio muito isto e quizera matar os embaixadores, mas desprezouos, e sem reposta se aparelhava para a guerra porque tem o Perssa dado grande poder e ajuda ao Bolaqui» <sup>76</sup>.

A 19 de Janeiro de 1635, registamos o último eco da lenda de Bulaqi nas fontes portuguesas. Nessa tarde, o vice-rei leu atentamente uma carta que lhe havia chegado de Bijapur. Entre outros assuntos, nela se dava conta da proposta de Bulaqi para uma aliança com o Estado da Índia:

«Pede soltão Bolaquim a sua ex<sup>a</sup> seguro real, e em nome de S. Magestade para poder estar seguramente em goa para dahy se consertar cō os capitães do reino do Mogor, e escreuer outro sy a seu Irmão que tambem escapou <sup>77</sup>, e esta com o Rey da Perssia, e depois disto consertado darlhe o

---

<sup>73</sup> Muhammad Tahir Wahid QAZWINI, *‘Abbās Nāma yā Sharh-i Zindagānī yi 22-sāla-yi Shāh ‘Abbās-i sâni (1052-1073)*, ed. Ibrahim DIHGAN, Arak, 1951, pp. 234-35, secção intitulada ‘Sharh āmadan-i Sultān Bulāghī ba Dār al-Saltanat Isfahān’.

<sup>74</sup> Riazul ISLAM, *Calendar*, docs. Sh. 229 e 229.1, pp. 424-25.

<sup>75</sup> *Diário do 3.º Conde de Linhares. Vice-rei da Índia*, tomo II, Lisboa, 1937, pp. 146-47.

<sup>76</sup> *Ibid.*, pp. 149-50.

<sup>77</sup> Será esta uma referência ao misterioso Mirza Nabdi, que encontrámos na *Zail*?

sôr vizoRey passagem por hum dos portos que elle apontar, e que para isso fará todo o conserto e partidos que o sôr vizzorey quizer fazendo logo esta diligência despida vm este patamar porque assim o tenho assentado cõ o sultão Bolaquim, e não escrevo a Sua ex<sup>a</sup> por não saber se lãssra mão deste negócio, e me encomendou muito que por via de vm o desse saber ao sôr vizorrey, e querendo fazer isto avizasse logo com resposta do sôr Vizorrey para escreuer em forma; vm. com breuidade faça este neg<sup>o</sup>.» <sup>78</sup>

Mas as circunstâncias não eram mais as do final do ano de 1630. Nessa altura, o conde de Linhares acreditava na possibilidade de uma aliança e, conjugando várias informações de diferentes proveniências, preocupou-se em avaliar a veracidade do personagem e, bem assim, a exequibilidade de uma manobra conducente à destituição de Shahjahan. Agora, no início de 1635, Linhares está absolutamente descrente. O seu governo está na fase final e o vice-rei limita-se a registar um último pensamento sobre o assunto, dois dias antes de terminar o diário relativo a esse ano e de o enviar para o reino: «Tenho isto por fabula e parece hé este Bolaquim cõ os mogores, outro Rey Sebastião cõ os Portuguezes.»

Era a segunda vez que a história do *Encoberto* se cruzava com a história dos imperadores mogóis. A crer nos jesuítas que viviam na corte de Akbar, ao avô de Shahjahan impressionara vivamente a figura de D. Sebastião: «e do caso d'el-rey Dom Sebastião tem muito sentimento, e quando falla daquelle caso louva o animo esforçado d'el-rey Dom Sebastião» <sup>79</sup>. Meio século volvido, temos esta interessante comparação de D. Miguel de Noronha. Na verdade, há pontos de contacto entre os vários Bulaqi e os vários (e falsos) D. Sebastião do ocaso do século XVI, do Rei de Penamacor e do Rei da Ericeira ao pasteleiro do Madrigal e ao Calabrês <sup>80</sup>. A omnipresença da lenda e o lugar central do rumor, alimentado pela errante presença física de um embaçado. A componente trágica de ambas as histórias e de ambos os personagens, que comove o observador estrangeiro, tanto quanto os Portugueses se comoveram com o infortúnio de Bulaqi ou Akbar com o drama de D. Sebastião. Num e noutro caso, a mesma legitimidade para governar, a mesma adesão popular, a mesma inquietação de quem usurpara o poder e o exercia em sobressalto.

O caso do sultão Bulaqi não foi certamente o último do género na Índia mogol. Encontramos outros exemplos, como o do irmão de Aurangzeb, Shah Shuja', nos anos de 1660-1670, que já citámos. No início do século XVIII, os

<sup>78</sup> *Diário do 3.º Conde de Linhares*, p. 265.

<sup>79</sup> Excerto de uma carta dos P<sup>es</sup> R. Acquaviva, A. Monserrate e F. Henriques ao capitão de Damão, Fatepur Sikri, Março-Abril 1580; pub. in *Documenta Indica*, ed. J. WICKI, vol. XII, Roma, 1972, doc. 3, p. 23.

<sup>80</sup> Ver, sobre este assunto, António Machado PIRES, *D. Sebastião e o Encoberto*, reed., Lisboa, 1982, esp. pp. 59-64; Jacqueline HERMANN, *No reino do Desejado: A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*, São Paulo, 1998, e o clássico de Miguel D'ANTAS, *Les faux Don Sébastien. Étude sur l'histoire de Portugal*, Paris, 1866.

casos de pessoas que pretendiam ser príncipes mogóis continuaram a proliferar, talvez por existir de facto, nesta altura, um grande número de príncipes de sangue real. Assim, topamos em 1717 com o caso de um homem, cujo verdadeiro nome parece ter sido 'Aqibat Mahmud, que apareceu no Decão reclamando ser o príncipe mogol Muhammad Akbar e que acabou por ser feito prisioneiro pelo governador mogol de Arcot <sup>81</sup>. Mais tarde ainda, já depois da queda da dinastia safavida, homens alegando ser príncipes daquela casa real apareceram periodicamente na Índia, sendo que, em algumas ocasiões, as suas reivindicações eram tidas por verdadeiras. É o caso de Abu'l Fath Sultan Muhammad Mirza Safavi nos finais do século XVIII <sup>82</sup>. Será que estes homens tiveram conhecimento da história do sultão Bulaqi, passada quase dois séculos antes? Ou, de outro modo, o episódio entrou na memória popular como um tema mais genérico, tanto mais que a própria lenda de Bulaqi assenta no mesmo *corpus* de crenças e lendas relativas a duplos de reis, ou a «calandares» que poderiam revelar-se eles próprios como soberanos. Temos uma única certeza: o tema não perdeu o seu *charme* no domínio da cultura popular, seja com Subhas Chandra Bose na Índia ou com Elvis Presley nos Estados Unidos. O Rei morreu, Viva o Rei!

---

<sup>81</sup> Sobre este caso, veja-se Sanjay SUBRAHMANYAM, «Penumbra Visions: Making Politics in Early Modern South India», Nova Delhi, 2001, pp. 128-29.

<sup>82</sup> Giorgio ROTA, «Un Sofi tra i Nababi: L'ultimo Safavide a Lucknow», in Daniela BREDI & Gianroberto SCARCIA, eds., *Ex libris Franco Coslovi*, Veneza, 1996, pp. 337-80; e também ROTA, «The Man who would not be King: Abu'l Fath Sultan Muhammad Mirza Safavi in India», in *Iranian Studies*, 32/4 (1999), pp. 513-35.